



AS REVOLUÇÕES DA LEITURA E NOVAS MODALIDADES METODOLOGICAS DE ENSINO ATRAVÉS DA TECNOLOGIA

Leandro Neves Miranda Sarmento

Graduado em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande, estudante do curso superior em Comércio Exterior no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), Campus Pontes e Lacerda.
E-mail: leandro_inms@hotmail.com

Denise Santos Soares Cândido

E-mail: denise.santoscandido@hotmail.com

RESUMO

Este estudo buscou fazer uma abordagem da revolução histórica e estrutural do processo de leitura, com o objetivo de entendermos a importância de trabalhar a literatura como objeto educativo e formador do homem. Tomaremos o material teórico de Roger Chartier, em “*As revoluções da leitura no Ocidente*” (1999), que propõe um entendimento sobre as revoluções ocorridas no processo da leitura. A tecnologia surge como novo aparato metodológico para o ensino da leitura, e é estudada a fim de esclarecer neste debate como os recursos tecnológicos podem auxiliar no aprimoramento da leitura/aprendizagem/escrita do aluno. Por fim propomos uma breve explanação do letramento e surgimento do letramento digital, buscando compreendermos sua prática como um instrumento que dá vazão ao ser humano, ou seja, o processo de absorção do letramento alfabético pelo digital.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Literatura; Tecnologia; Letramento digital.

INTRODUÇÃO

“O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um.” (Tzvetan, Todorov 1939, p.32).

Na sociedade o ato de ler está vinculado ao modo de vida de todos os indivíduos, desde o seu nascimento a todas suas necessidades comunicativas, a partir desse momento a leitura passa a ser fonte essencial ao ser humano e fundamental para o conhecimento e intelecto social. A leitura vista de uma forma ampla caracteriza no indivíduo o questionamento e a criticidade, ou seja, elementos que trazem à tona a capacidade de compreender o que acontece em seu meio e com essa visão o torna capaz de ampliar o seu contexto cultural.

É a partir da leitura que os indivíduos se integram no meio social, na busca de autenticidade e democracia. Ezequiel T. da Silva em “*Leitura e realidade brasileira*” (1988), afirma:



Uns dos instrumentos fundamentais nesta “briga” pela democracia é exatamente a leitura, vista aqui como uma habilidade humana que permite o acesso do povo aos bens culturais já produzidos e registrados pela escrita e, portanto, como um meio de conhecimento e crítica dos fatos históricos, científicos, literários, etc., e como um dos meios mais práticos, ao lado da palavra oral, de que o povo pode lançar mão a fim de comunicar e fazer valer as suas ideias, interesses e aspirações. Reforço aqui o ponto de vista de que a ciência e a literatura, como práticas que desmascara da ideologia, ainda caminham através do modo escrito de comunicação e do livro, em que pese à presença e variedade de outras linguagens e outros veículos para a circulação da cultura nas sociedades modernas. *É exatamente aqui que o saber ler ganha a sua importância primeira.* (SILVA, 1988, p. 35, 36). (grifos do autor).

Nesta perspectiva da leitura e de suas peculiaridades faz-se necessário compreender a sua estruturação, a sua revolução e como essa prática está estabelecida atualmente no ocidente como fonte de conhecimento e compreensão de mundo.

Apesar do processo de leitura ter passado por diversas revoluções, observamos que existem até hoje lacunas a serem superadas acerca da leitura atual, o grande questionamento que surge dentro deste contexto é se os métodos pedagógicos aplicado nas escolas têm alcançado o seu principal objetivo, em tornar o livro literário instrumento de formação humana. Porém quando analisamos o ambiente escolar percebemos que esta prática não tem acontecido, o que realmente encontramos é uma literatura apresentada de formas fragmentadas e inadequadamente escolarizada.

Em suma este trabalho tem como objetivo discutir a importância de trabalhar a literatura como objeto educativo e formador do homem, no qual o livro literário tornou-se instrumento de formação humana, ética, estética, política, etc.; e a partir destes pressupostos discutir possíveis alternativas metodológicas na qual a tecnologia entra como um novo elemento para práticas pedagógicas a fim de melhorar a leitura em sala de aula.

AS REVOLUÇÕES DA LEITURA

Para entendermos o processo da leitura e suas finalidades é necessário inicialmente compreender as revoluções ocorridas nessa prática e como ela foi estabelecida e modernizada em cada período. De acordo com Roger Chartier, (1999) em seu texto: “*As revoluções da leitura no Ocidente*”, “as revoluções da leitura são múltiplas e não estão diretamente ligada a invenção ou as transformações da impressão.” (CHARTIER, 1999, p. 23). Todos os processos ocorridos na leitura foram de grande importância para sua consolidação. O primeiro destes processos será a mudança da prática de leitura oral a leitura silenciosa, a qual Chartier, (1999) argumenta:



A primeira consiste no longo processo que leva um número crescente de leitores a passar de uma prática de leitura necessariamente oral, na qual ler em voz alta era indispensável para a compreensão do significado, para uma leitura visual, puramente silenciosa. Embora ambos estilos de leitura tivessem coexistido na Antiguidade grega e romana, foi durante a Idade Média que a habilidade de ler em silêncio foi conquistada pelos leitores ocidentais. A primeira revolução na leitura foi, assim, de maneira geral, independente da revolução tecnológica na produção de livros. (CHARTIER, 1999, p.23).

Esta prática era realizada na Antiguidade entre os gregos e romanos, mas foi durante a Idade Média que a leitura silenciosa foi conquistada pelos ocidentais, consistiu em um longo processo, porém teve forte aceitação neste período. Se antes o ato de ler em voz alta era indispensável para compreensão dos significados, a leitura silenciosa possibilitou muito mais, permitiu uma leitura mais rápida, capaz de grande compreensão dos manuscritos e um relacionamento mais livre com a escrita.

A segunda revolução da leitura aconteceu durante a era da impressão, esta etapa deu-se grande parte na Europa, que ocasionou diversas circunstâncias, desde o crescimento na produção dos livros, a transformação e multiplicação dos jornais e bibliotecas, tornando assim o fácil acesso a um exemplar, a multiplicação dos jornais, os livros de pequeno formato e instituições como sociedade de leitura, clubes de livros e bibliotecas de empréstimos, possibilitou o acesso aos livros. Estas transformações proporcionaram o desenvolvimento de novos gêneros literários, e novas práticas de leituras; seus novos leitores liam em grandes quantidades e variedades.

Hábitos mais antigos de leitura mudaram para uma nova forma literária. O romance foi lido e relido, memorizado, citado e recitado. Os leitores eram tomados pelos textos que liam; eles viviam o texto, identificavam-se com os personagens e com o trama. Toda sua sensibilidade estava engajada nesta nova forma de leitura intensiva. (CHARTIER, 1999, p.25).

Durante o século XIX observamos outras características de leitores como mulheres, crianças, trabalhadores, a todos foram apresentados à cultura da imprensa, e com essa nova leva teve também a industrialização da produção e novos materiais e modelos de leitura. Uma norma única foi estabelecida entre as disciplinas educacionais impostas e dessa forma não era condizente com a diversidade de práticas em várias comunidades de leitores. A história da leitura passa de um primeiro momento monástico para escolástico, entrando assim, na era da sociologia das diferenças.

A respeito da terceira revolução é analisada que a transmissão eletrônica de textos nos levará a outra revolução na leitura. Chartier, (1999) comenta que essa mudança inicia pela



transformação de noção de contexto, ou seja, substitui o físico pela distribuição nas arquiteturas digitais, os bancos de dados e tudo que pode tornar possível o acesso a informação. Observa uma alteração sobre a natureza material dos trabalhos, a relação imediatista e visível que existe entre o material impresso ou manuscrito, isso significa que a nova etapa é uma reorganização da produção escrita “economia escrita”, e a eletrônica surge como um novo elemento operacional que anula as antigas práticas entre papéis intelectuais e funções sociais.

[...] a apresentação eletrônica dos textos anula as antigas distinções entre papéis intelectuais e funções sociais. Torna-se, ao mesmo tempo, imperativo redefinir todas as categorias que organizavam as expectativas e percepções dos leitores. Estas incluem os conceitos jurídicos (direitos autorais, propriedade literária), categorias estéticas (originalidade, integridade, estabilidade), noções administrativas (biblioteca nacional, depósito legal) e instrumentos bibliográficos (classificação, catalogação, descrição), os quais vinham sendo usados até agora para caracterizar o mundo escrito. (CHARTIER, 1999, p. 27).

Dessa forma o texto eletrônico e sua nova tecnologia empregada nos livros permitem romper com a rigidez imposta entre a interferência do leitor no livro. Toda essa dinâmica é reconfigurada e dá lugar a uma nova realidade, o leitor pode se tornar autor de um texto multiautoral ou criar novos textos a partir de fragmentos de outros textos.

Os leitores da era eletrônica podem construir textos originais, cuja existência, organização e aparência dependem somente deles. Além disso, tem o poder de intervir a qualquer momento para modificar o texto e reescrevê-lo. Tudo isso, assim como a possibilidade de receber textos, imagens e sons no mesmo objeto – o computador – altera profundamente todo o relacionamento com a cultura escrita. (CHARTIER, 1999, p. 28).

Da mesma maneira que tivemos grandes mudanças e dificuldades com a passagem do texto para o livro impresso e para a tela dos computadores, as dificuldades também foram de igual modo durante os primeiros séculos da Era cristã, onde ocorreu a passagem do rolo para o códex. O novo método de representação eletrônica dos textos de maneira alguma deve rebaixar os modelos anteriores, mas que a grande tarefa das bibliotecas qualquer forma que ela seja material ou imaterial, tem como objetivo “[...] é colecionar, proteger, inventariar e finalmente, tornar acessível a herança da cultura escrita. Mas essa tarefa não é exclusiva as bibliotecas. Ela tem que ser compartilhada por editores e leitores.” (CHARTIER, 1999, p. 30).

Dessa forma, fica claro que os leitores tem uma missão futura de combinar essa pluralidade de possibilidades e que todas essas mudanças foram significativas para a leitura, e essas três revoluções sempre irão coexistir para o benefício de cada indivíduo e os mesmos terão a sua preferência de acordo com seus gêneros e usos.



A TECNOLOGIA: UMA ALTERNATIVA NO ENSINO E APRENDIZAGEM

As revoluções da leitura proporcionaram ao mundo ocidental a abertura de horizontes a partir do acesso ao conhecimento e novas possibilidades em que essa prática pode agregar-se. A última destas revoluções já estudadas na primeira parte desse trabalho, nos mostra a sua importância para o desenvolvimento da leitura, isso implica diversos fatores, bem como sociais, econômicos, políticos, etc.

Diante de todos os avanços ocorridos foi no período da terceira revolução que ocorreu a difusão da tecnologia, tornando-se imprescindível para o processo de leitura, escrita e aprendizagem. É a partir deste processo tecnológico que buscaremos entender como o professor poderá utilizar-se da tecnologia a fim de estimular no aluno o hábito de leitura e escrita. Sabemos que o modelo atual de ensino da literatura no Brasil é inadequado e errôneo pelo seu modo metodológico, principalmente pelo uso do livro didático que revela uma sequência de repetições.

Magda Soares, (2011) em “*A escolarização da literatura infantil e juvenil*”, garante que escolarização é um processo inevitável de ordenação de tarefas, ações e procedimentos do ensino escolar, ou seja, é da essência da escola, um processo que a institui e constitui. E é neste contexto que surge a dificuldade dos métodos pedagógicos e o inadequado uso do livro didático.

Nos livros didáticos há uma grande recorrência dos mesmos autores e das mesmas obras, os gêneros que tem presença significativa na literatura infantil estão quase ausentes, ocorre a desapropriação dos nomes dos autores, e o uso de fragmentos do texto, e entre vários outros desapegos do texto literário; são por estes fatos que ocorrem uma repetição contínua das mesmas tarefas e não se tem um resultado satisfatório, levando o aluno não constituir um hábito de leitura e de aprendizado.

Soares, afirma que “a literatura se apresenta na escola sob forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos, interpretados.” (2011, p.25). Certamente é neste ponto que o livro didático tem sido trabalhado de forma errônea, distorcida e contraditória; preso as escolas literárias e exercícios gramáticas maçantes que não tem a leitura como atividade fim.

Dentre grandes diversidades de gêneros literários existentes, há no livro didático uma predominância dos textos narrativos e poemas, deixando de lado o teatro infantil e os gêneros que tem presença na literatura infantil. Porém o maior problema é a desestruturação na narrativa dos gêneros estudados, no caso da poesia, quase sempre é descaracterizada, analisada apenas



aspectos formais, rima, estrofe e verso; ou seja, o uso do poema apenas para fim gramáticas e ortográficos.

Há também uma decorrência dos mesmos autores e das mesmas obras nos livros didáticos, o que gera uma escolarização inadequada, porque se produz o conceito de que literatura é apenas alguns textos e alguns autores, ocasionando um desconhecimento da criança por determinados autores e obras. Verifica-se também a ausência de critérios para a seleção de autores e textos, a falta de referência bibliográfica e informações do autor do texto; elementos que seriam essências para desenvolver no aluno o conceito de autoria e de obra. Nos livros didáticos encontramos fragmentos de textos para a leitura, o erro aqui está na seleção do fragmento de um texto, muitas vezes este se encontra desapropriado sem um todo significativo e coerente, falta-se a coesão. Outra falha que geralmente acontece é quando o próprio autor do livro didático produz o texto para utilizá-lo nas atividades de leitura, porém apenas com objetivo ortográfico e gramatical.

Consequência destes são os pseudotextos, em que um ou algum ciclo narrativo são apresentados faltando aqueles que o precedem ou seguem. Os textos apresentados são sempre exposições, que apresenta apenas os início do que precede os acontecimentos, ou até mesmo um fragmento do meio da história. Tornando o texto sem sentido e fazendo com que a criança se pergunte o que acontecerá na narrativa, e não obtendo respostas constituirá um inadequado conceito ao texto; desfigurando o sentido da obra e dos atores. Percebesse também uma forma usual nos livros didáticos, em dar títulos aos fragmentos retirados dos livros de literatura, nem sempre é um título adequado para aquele fragmento escolhido.

Em síntese, e concluindo estes item sobre a fragmentação da narrativa em “textos” propostos à leitura em livros didáticos, pode-se afirmar que a escolarização – inevitável, repita-se o adjetivo – da literatura infantil faz-se frequentemente de forma inadequada e, mas que isso, prejudicial mesmo, pois abala o conceito que a criança tem, intuitivamente, da estrutura narrativa, dá-lhe uma ideia errônea do que é um texto e pode induzi-la produzir ela mesma pseudotextos, já que estes é que são apresentados como modelo. (SOARES, 2011, p.36).

Outro aspecto inadequado nesta prática escolar é a distorção que o texto sofre ao ser transferido do livro literário para página do livro didático, mudam-se completamente as características essenciais da obra literária, “o que acontece é que o texto do autor é desnecessariamente abalado, perde algumas de suas qualidades, é mesmo, de certa forma, distorcido, – uma escolarização inadequada, fundamentada em pressupostos errôneos.” (SOARES, 2011, p.39). Outra grave falha é a distorção que o texto sofre no processo de sua transferência, são alterados os gêneros, poemas se transformam em prosa, textos literários



interpretados como informativos, textos jornalísticos como textos literários, etc.

Mas há ainda uma outra forma de distorção do literário, a maneira como os textos literários são estudados e interpretados; o objetivo da leitura dos textos literários nos livros didáticos seguem sempre exercícios de estudos do textos, não conduzem a uma análise da literariedade, nem do que é essencial neles, torna-se um texto apenas para estudo. Os exercícios propostos aos alunos são sempre de localização de informações; gramáticas, ortográficos, copiar nome do autor, copiar nome do título, copia nome do livro onde foi tirado o texto, preencher lacunas com palavras do texto, copiar a fala do personagem, copiar determinado acontecimento do texto, etc.

Decorrência destas práticas metodológicas é que a escolarização da literatura infantil na escola tem se tornado cada vez mais inadequada, “porque há uma escolha pouco criteriosa de autores e obras, e, sobretudo, porque os textos são quase sempre pseudotextos, isto é, fragmentos sem textualidade, sem coerência, e ainda porque as atividades que se desenvolvem sobre os textos não se voltam nem para textualidade nem para literariedade do texto.” (SOARES, 2011, p.47).

Diante destas dificuldades de ensino o professor se vê na missão de transformar o uso tecnológico em uma de suas ferramentas de trabalho; observando essas colocações é valido ressaltar que o leitor contemporâneo está em um meio aonde a leitura vai além dos livros, “a internet possibilita, além de novas formas de comunicação, novos meios de coordenar as interações no universo virtual de conhecimentos.” (PREVEDELLO; NOAL, 2010, p. 6). O professor passa a ter papéis distintos e para isso tem a necessidade de se preparar, portanto os mestres estão se adequando as novas tecnologias de um mundo mais globalizado, para que haja melhoria de ensino e aprendizagem.

A era tecnológica viabiliza grandes variedades de textos literários de fácil acesso, se antes a leitura era possibilitada apenas para classes privilegiadas, hoje com a modernidade o ato de ler se estende a quase todos indivíduos, porém mesmo tendo estes textos com fáceis acesso, o professor deve buscar formas dinâmicas de utilizá-los para estimular o hábito de leitura.

Sabemos que as escolas brasileiras se encontram atrasadas no que tange a tecnologia, pois os alunos do século XXI nasceram no século digital e sempre tiveram acesso ao computador, o celular, a internet, ou seja, fazem uso diário da tecnologia. E mesmo que as escolas estejam utilizando computadores e laboratórios de informática para que os alunos tenham acesso às novas maneiras de ler e escrever, isso somente não basta, é preciso que o professor consiga aliar outras maneiras didáticas em suas aulas a fim do uso dessas novas



tecnologias.

A inserção das tecnologias de informação e comunicação (TICs) requer uma ruptura de barreiras técnicas (aprender a lidar com o sistema operacional) e culturais (a fim de entender que esta cultura virtual pode trazer novidade), tendo a percepção crítica de que ela não soluciona todas as dificuldades, nem leva ao fracasso, quando é usada. Fazer uso das TICs não garante uma boa aula, entretanto, descartá-las pode também não ser uma boa opção porque sua presença em todos ambientes é crescente. Todo recurso exige também que quem se disponha a usá-lo, tenha um mínimo de conhecimento sobre como aproveitá-lo positivamente. A reflexão sobre o uso da rede para ensinar aprender já é um grande passo. (LIMA, 2009, p.46)

A inclusão da tecnologia no cotidiano das pessoas ocasionou novas formas de pensar, agir e comunicar, conseqüentemente um desafio de compreender as diversas situações; a leitura passa então a exigir não somente compreensão dos textos, mas também do mundo exterior, desta maneira ensinar literatura através dos meios digitais possibilita melhor entendimentos aos alunos, assim eles podem relacionar o mundo externo com mundo didático e literário. Vale ressaltar que mesmo utilizando o meio digital, como a melhor internet, com um bom computador, o professor ainda continua sendo a ferramenta fundamental para esta mediação.

Com a diversificação dos meios de comunicação os alunos buscam novos meios metodológicos, onde possam ter desafios, metas e um conteúdo atrativo, e a tecnologia vem proporcionando estes desafios aos indivíduos e os tem transformado em pessoas com novos comportamento e reações.

Diante destas constantes modificações na esfera política/social/educacional, surge a metodologia ativa no intuito de se adequar ao novo contexto pedagógico, o professor se torna cada vez mais mediador do aprendizado, abandonando o antigo método tradicional de ensino em que apenas o mestre era detentor do conhecimento e o único responsável por conduzir a aula. O principal objetivo desta metodologia é incentivar os alunos a desenvolverem o hábito de leitura e capacidade de melhor aprendizado, o professor pode através dela incentivar os alunos a leitura de livros literários e explorar os temas abordados na obra, de forma eficaz e prazerosa; a tecnologia é uma aliada favorável a este método, pois facilita tanto ao aluno quando ao professor nas atividades de pesquisas sobre obras literárias, tornando a aula mais prática e dinâmica.

O papel da escola nesse contexto é de incentivar a leitura, salientando que a leitura é um processo de informação e junto deve vir o processo de liberdade do leitor, isso significa que o leitor além de compreender e interpretar um texto, ele toma para si o papel transformador da realidade em que está inserido. Em suma o ensino deve ser pautado sempre na criação e na crítica da realidade, em virtude da leitura que é um dos caminhos para se ter cidadãos autônomos



e transformadores da sua realidade. (PREVEDELLO; NOAL, 2010, p. 7).

Maria Elizabeth de Almeida em *“Informática e formação de professores”* (2000), contribui com metodologia sobre a construção de uma educação voltada a leitura e destaca que o aluno vai construir suas próprias apresentações, utilizando os recursos necessários para que obtenha sucesso na aprendizagem.

Quando o sistema de autoria é colocado à disposição dos alunos para que eles construam suas próprias apresentações, possam levantar e testar hipóteses, elaborar e relacionar conhecimentos e desenvolver projetos de seu interesse, os sistemas são considerados abertos. Nesse caso constituem ferramentas de aprendizagem, isto é, são recursos que apoiam o aluno no desenvolvimento de atividades que podem levar à aprendizagem. Os sistemas abertos pressupõem "a ação do sujeito para criar uma apresentação, isto é, construir nós e ligações, utilizando esse recurso como uma ferramenta, como um meio para aprendizagem de outros conhecimentos, e não como um fim em si mesmo." (Jacques & Fagundes, 1995:306) (ALMEIDA, 2000, p.31).

O uso de recurso como o computador levando em consideração que essa máquina não é o corpo inteligente, mas proporciona conhecimento, pois o aluno consegue construir através dele sua própria atividade que levará ao desenvolvimento e ao aprendizado.

Nessa abordagem o computador não é o detentor do conhecimento, mas uma ferramenta tutorada pelo aluno e que lhe permite buscar informações em redes de comunicação a distância, navegar entre nós e ligações, de forma não linear, segundo seu estilo cognitivo e seu interesse momentâneo. Tais informações podem ser integradas pelo aluno em programas aplicativos, e com isso ele tem a chance de elaborar o seu conhecimento para representar a solução de uma situação-problema ou a implantação de um projeto. As informações também podem ser trabalhadas no desenvolvimento de programas elaborados em linguagem de programação. Todas essas situações levam o aluno a refletir sobre o que está sendo representado. (ALMEIDA, 2000, p 32).

Entrando em contato com todas essas ferramentas, a união de elementos como a tecnologia, a internet, o computador e todos os aparatos físicos que permitem o contato do aluno com as diversas linguagens, proporcionará que o mesmo obtenha uma reflexão acerca do que está sendo apresentado, colaborando, assim para a sua formação.

O processo de aprendizagem através do computador significa que os alunos podem obter conceitos sobre o conteúdo da pesquisa através do seu uso. No entanto, o computador não é uma ferramenta de ensino, mas uma ferramenta usada pelo aluno para desenvolver algo, de modo que o aprendizado ocorre devido ao fato de ele estar realizando tarefas por meio dele; este é uma máquina que processa dados, e com o uso da tecnologia da informação, professores e alunos podem usar recursos para se comunicar e trocar experiências.

Portanto, a inclusão dos laboratórios de informáticas na salas de aulas seria algo natural nesse processo de integração do computador, a aquisição de tecnologia da informação, o uso da



tecnologia para resolver problemas, apoiar a expressão de novos conhecimentos de aprendizagem e, ao mesmo tempo, propiciar o aprofundamento de conceitos específicos e levar à geração de novos conhecimentos. Deste modo teríamos a flexibilização entre espaço escolar e o tempo de aprendizagem, gerando maior aprimoramento do aluno de forma naturais e sociais, maior estimulação a curiosidade e o interesse por parte do discente, resultado disso melhor rendimento no ensino.

O conhecimento não é fornecido ao aluno para que ele dê as respostas. É o aluno que coloca o conhecimento no computador e indica as operações que devem ser executadas para produzir as respostas desejadas. O programa fornece importantes pistas sobre o pensamento do aluno, uma vez que o seu pensamento está descrito explicitamente e a resposta do computador permite comparar o previsto com o obtido. (ALMEIDA, 2000, p.33).

Através do uso tecnológico o aluno será estimulado a desenvolver seu lado crítico, receberá o material de forma atrativa e dinâmica, fará um pré-reconhecimento, e a partir da leitura desse conteúdo reproduzirá acerca de sua interpretação, elaborando seus pensamentos, ideias; o computador em si colaborará com recursos que estarão ao alcance desse estudante a fim de melhorar os resultados obtidos de sua leitura, funcionando como uma ferramenta de ensino.

O professor tem maiores chances de compreender o processo mental do aluno, de ajudá-lo a interpretar as respostas, de questioná-lo, de colocar desafios que possam ajudá-lo na compreensão do problema e de conduzi-lo a um novo patamar de desenvolvimento. A atitude do professor não apenas promove "a interação do sujeito com a máquina, mas, sobretudo, possibilita a aprendizagem ativa, ou seja, permite ao sujeito criar modelos a partir de experiências anteriores, associando o novo com o velho na construção de programas constituídos por uma sequência de comandos logicamente estruturados, desenvolvendo a ideia de organização hierárquica e revelando seu estilo de estruturação mental e representação simbólica." (Almeida, 1991: 2.29). (ALMEIDA, 2000, p.33).

Em decorrência dessas atividades o professor desempenha um papel fundamental nessa conexão de leitura dos seus alunos, pois com os aparatos tecnológicos ele poderá alcançar melhor sucesso em perceber quais pontos o aluno tem maior dificuldades e de forma ativa promover sua inserção pedagógica, iniciando um diálogo entre aluno e texto e assim promovendo a aprendizagem ativa. Sem dúvidas esta nova adequação da sociedade no universo digital é um caminho que tende a se aprofundar e possivelmente é um caminho sem volta e tem somente a agregar em sua formação, como leitor, cidadão e livre para pensar.

O uso da tecnologia no ensino tem nos permitido grandes avanços, o aluno e o professor podem tornar pesquisadores podendo não somente ler um texto, mas também estudá-los e compreendê-los; outro ponto fundamental é que este novo modelo de ensino possibilita



estudamos um texto literário e conceituá-lo ao nosso contexto social/cultural; o professor também pode trabalhar de forma que construa sentidos entre o texto e o leitor.

LETRAMENTO DIGITAL INSTRUMENTO DE ENSINO CONTEMPORÂNEO

Os acelerados avanços e crescimentos do mundo tecnológico proporcionou grande eficácia para as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), que cada vez mais ganham maior espaço no âmbito escolar, porém mesmo no século XXI as escolas ainda precisam se adequar para que haja total inclusão digital entre alunos e professores. Deste modo o letramento digital passar a existir como instrumento de ensino na busca de saber usar as ferramentas de tecnológicas de comunicação, na relação entre sujeito e o conhecimento produzido.

Mariana Rezende em “*O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas*” (2016), esclarece que o termo letramento surgiu da palavra inglesa (*literary*), que significa a (habilidade de ler e escrever). Contudo é notado que o letramento vem criando novas práticas de ensino, visto que o Brasil passou a ter novas demandas com relação aos estudos linguísticos.

No Brasil, as habilidades de leitura e escrita estiveram ligadas, num primeiro momento, ao conceito de alfabetização. Posteriormente, surgiram novas demandas no campo das práticas de leitura e escrita e, para designá-las, utilizou-se o termo letramento. Essas novas demandas referem-se à preocupação que os estudos linguísticos passaram a ter, no Brasil, a partir da década de 1980, com o uso social da leitura e da escrita. (REZENDE, 2016, p. 96).

Nesse caso, para que o indivíduo possa efetivamente participar da sociedade letrada, não basta apenas ter habilidades de (de)codificação, mas precisa ser capaz de utilizar estratégias de leituras para dar conta dos letramentos necessários para atingir objetivos na vida contemporânea, contudo é visto que a leitura e a escrita atual coloca em evidência novas práticas onde as competências e as capacidades de produção de textos praticadas atualmente no letramento não podem ser as mesmas.

Observa que há mudanças nos perfis e os papéis dos leitores e autores, como afirma Chartier (1998), a tela do computador permite usos, manuseios e intervenções do leitor mais numerosos e livres do que o suporte impresso. A escrita e leitura dialogam, mesclam-se e se interpenetram a partir do advento das várias tecnologias, contudo as tecnologias ainda colocam em xeque um modelo de autoria centrado em editores, uma vez que as mídias digitais



proporcionam uma diversidade de gêneros seja produzida e difundida. Tratando, então de outra forma de organizar, distribuir e de veicular conhecimento (VIEIRA, 2013).

O Letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2003, p.2).

Levando em consideração o contexto atual em que as tecnologias permitem novas formas de produção, circulação de textos, gêneros, e coloca o conceito de letramento como a habilidade de ler e escrever, não dá conta de explicar as possibilidades de aberturas que as tecnologias proporcionam para a leitura. Essa nova realidade linguístico textual denominado letramento digital, que é a mudança nos modos de ler e escrever, os códigos e sinais verbais e não verbais disponíveis na tela do computador. E ainda desenvolve competências para usar ferramentas digitais com proficiência e ao mesmo tempo entender que as atividades da leitura e escrita podem abordar diferentes temas pedagógicos, exigindo dos engajados no processo ensino/aprendizagem diferentes formas de atuação. (VIEIRA, 2013).

Outra concepção que criticamos refere-se ao entendimento de que o letramento digital acrescenta ao conceito de letramento o uso da tecnologia. Essa percepção, apesar de simplista, não pode ser desconsiderada, ou seja, se letramentos são práticas sociais de uso da escrita e da leitura que têm sentidos específicos, finalidades específicas (dimensão social) e que demandam o domínio da escrita e da leitura (dimensão individual), os letramentos digitais podem ser conceituados da mesma forma, considerando-se a demanda das tecnologias digitais. (REZENDE, 2016, p.103).

A superficialidade em que este conceito vem sendo construído está equivocada, uma vez que esta interpretação simples de apenas a inclusão digital em um evento de letramento caracteriza o letramento digital, entretanto é sabido que o termo vai além dessa simples afirmação. Sabemos que o letramento digital afeta as culturas e todos os contextos em que ele está inserido, de modo a afetar o contexto social e cognitivos das sociedades e fins para a apropriação dessas atividades. Muitas vezes o conceito de letramento digital está ligado ao uso das tecnologias digitais, e habilidades técnicas. (REZENDE, 2016).

Neste processo, observa-se que um tipo de letramento tem o outro como ponto de partida, ou seja, o alfabético está servindo de apoio para a aprendizagem do letramento digital. Em pleno “Século do Conhecimento”, a imensa massa de dados que surgem diariamente na Internet torna cada vez mais importante para a conquista da cidadania a aquisição do letramento alfabético, haja vista a enorme necessidade de processamento (assimilação, avaliação e controle) crítico das informações, a fim de transformá-las em conhecimento útil. (XAVIER, 2003, p.4).



De acordo com a pedagogia empregada nas teorias de letramento digital, a autora salienta que os estudos buscaram uma preocupação com os estudos da linguagem e também no que concerne nas demandas da era digital na educação. Entretanto é observado que a inclusão desses recursos nas escolas não vem tendo um bom desempenho no ensino. O problema existente é que as pessoas e também em grande parte as escolas introduz uma concepção de ciberespaço, ou seja, uma concepção de uma mentalidade da primeira geração¹.

Agir dessa forma no ciberespaço é diminuir o potencial das novas práticas letradas ali presentes, impedindo a expansão de suas possibilidades de significação. Estudos a respeito do uso de tecnologias no ambiente escolar revelam exatamente isto: professores e diretores trazendo para o ciberespaço concepções da mentalidade 1.0, que confirmam o entendimento de que o conceito de letramento (digital) está ligado apenas à capacitação técnica ou à funcionalidade do indivíduo. Seguindo essa perspectiva, entendem o letramento e as tecnologias digitais também como instrumentos meramente técnicos e desconsideram os aspectos sociais e cognitivos. Por isso, fazem uso das tecnologias digitais para substituir recursos mais antigos e trabalham a linguagem numa perspectiva individualista. Assim como o modelo autônomo de letramento, ligado ao ensino de técnicas de leitura e de escrita e que permanece inerente às práticas escolares (em oposição ao modelo ideológico), o letramento digital permanece vinculado ao entendimento de que o conhecimento técnico dos recursos digitais leva o aluno ao letramento digital. (REZENDE, 2016, p. 103,104).

Entretanto vale comentar que o letramento em uma sociedade nunca é igual e ou universal, pois este ato está relacionado as condições de desigualdade econômica, social e históricos. Sabemos que existem distanciamentos que definem as dificuldades encontradas dentro do contexto educacional do Brasil, e, portanto dentro dessa sociedade desigual, são poucos que tem acesso a uma cidadania plena.

Numa sociedade desigual, os problemas de leitura se diversificam conforme as características de classe, as soluções possíveis se orientam para o pluralismo cultural, ou seja, a oferta de textos vários, que deem conta das diferentes representações sociais. Se as classes trabalhadoras também tiverem acesso à alfabetização, serão elas não apenas consumidoras passivas, mas produtoras de novos textos, que se acrescentarão aos que circulam na sociedade e atenderão a seus interesses. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 13). Dessa forma, todos os segmentos sociais apesar das divergências podem ser mobilizados a fim de encontrarem na leitura das obras o momento catártico, o que significa a identificação do leitor com o conteúdo expresso.

¹ Mentalidade da primeira geração: É o uso da internet comercial do “World Wide Web (www)”, que tem como objetivo central o acesso a uma grande fonte de informações, um espaço de leitura de conteúdos estáticos, pouco interativos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo possibilitou um estudo sobre as revoluções ocorridas no processo de leitura, bem como entender as novas perspectivas na relação do homem com o método educacional, percebemos que a tecnologia é fundamental para esta consolidação, proporciona uma reorganização do acesso à leitura por meio do computador e outros dispositivos como celulares smartphones, tablets.

O livro literário não deixa de ser o instrumento principal para o contato com a leitura, e com a tecnologia o acesso a informação ficou mais dinâmico, instantâneo e possibilitou a criação de novos gêneros e múltiplas autorias.

Portanto foi estudada a necessidade de ir além do letramento tradicional, observamos que o letramento digital tem uma função importante na formação dos alunos, porém não basta equipar as escolas com computadores e internet, mas, sim, dar condições para que os professores em conjunto com os alunos façam reflexões e práticas do letramento digital como forma pedagógica de agregar na formação educacional dos jovens.

Por fim, entendemos que a leitura foi e continua sendo o principal elemento de captação e difusão do conhecimento, uma prática que proporciona o ser humano uma visão ampla não somente do meio que o cerca, mas também ter a consciência do seu papel em sociedade e do mundo, um cidadão atuante, crítico e lúcido perante as adversidades da vida.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; e outros. **Literatura em crise na escola**. 1986.

ALMEIDA, Maria Elizabeth de. **Informática e formação de professores**. Secretaria de educação a distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed. 2000. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002401.pdf>. Acesso em: 28.jun.2020.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura e formação do leitor: Alternativas metodológicas**: 1988.

CHARTIER, Roger. **As revoluções da leitura no ocidente**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/deb_nre/revolucoesdaleituranoocidente.pdf. Acesso em: 29.jun.2020.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor. Aspectos cognitivos da leitura**. 6 ed. São Paulo: Pontes, 1999. Disponível em:



http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/espanhol_artigos/francis_c_hagas_lima.pdf. Acesso em: 02.jul.2020.

LIMA, Francis Chagas. **Formando leitores na era digital: Reflexões sobre a abordagem da leitura no ensino de E/LE através do mundo virtual.** Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/espanhol_artigos/francis_c_hagas_lima.pdf. Acesso em: 01.jul.2020.

PREDEVELLO, Jocelaine Pivetta; NOAL, Eronita Ana Cantarelli. **A importância da leitura e a influência da tecnologia.** Rio Grande do Sul, Brasil, 2010. Disponível em:
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2262/Prevedello_Jocelaine_Pivetta.pdf?sequencia=1&isAllowed=y. Acesso em: 30.jun.2020.

REZENDE, Mariana Vidotti de. **O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas.** Secretaria de Estado da Educação do Paraná. v. 9, n. 1, 2016. Disponível em:
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/10266>. Acesso em: 06 ago. 2020.

SILVA, Ezequiel T. **Leitura e Realidade Brasileira.** Série novas perspectivas, Porto Alegre, 1988.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). **Escolarização da leitura literária.** 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo;** tradução Caio Moreira, 96p. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.